

VIVÊNCIAS TEATRAIS EM ESCOLAS: (R)EVOLUÇÕES DO PROCESSO

PATRICIA CASTRO CARDONA¹; CLÁUDIA LEMES GIGANTE, NAYLSON
COSTA RODRIGUES²; VANESSA CALDEIRA LEITE³

¹Universidade Federal de Pelotas – paticastroca@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – claudialgigante@gmail.com, naayrodrigues15@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – leite.vanessa@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este relato trata sobre o projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas intitulado Vivências Teatrais em Escolas, que atua desde maio de 2017 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas, localizada em Pedro Osório/RS, cidade vizinha de Pelotas, coordenado pela professora Vanessa Caldeira Leite. O projeto conta com o apoio da professora de artes da escola, Fernanda Botelho, e atualmente configura-se com três extensionistas, autores deste trabalho. O projeto realiza oficinas semanais na escola no contraturno dos anos finais do ensino fundamental, visando proporcionar aos estudantes a oportunidade de experienciar diversas práticas teatrais no ambiente escolar, bem como o fomento ao ensino do teatro nas escolas e a formação de espectadores e público através da difusão da linguagem das artes cênicas.

Analisar-se-á, neste texto, o percurso já traçado pelo Vivências Teatrais em Escolas desde seus primeiros passos, atendo-se à sua primeira apresentação teatral aberta ao público, intitulada “Lá Vem o Homem do Saco”, até o presente momento, bem como os resultados obtidos nesse período em relação aos objetivos da sua inserção na escola, estando esta análise, embasada nas teorias de Olga Reverbel (2011), Viola Spolin (2017), Augusto Boal (2012) e Ricardo Japiassu (2012), referências utilizadas no desenvolvimento das oficinas.

2. METODOLOGIA

As oficinas, embora flexíveis, costumam seguir um modelo no qual iniciamos o encontro com um momento de acolhida; sentados em roda, temos uma breve conversa, geralmente retomando assuntos do último encontro e recolhendo o Diário de bordo coletivo¹, pedindo que o oficineiro que fez o registro da semana, compartilhe-o com o grupo através da leitura. Feito isso, começamos um alongamento, sucedido de alguns jogos de aquecimento e preparação física, para então, adentrar nas atividades específicas de acordo com o objetivo da oficina do dia. Buscamos, sempre que possível, construir algum material cênico através do improviso a partir dos jogos para apresentar e finalizamos, novamente em roda, fazendo uma avaliação geral do encontro, onde cada um expressa sua opinião sobre a oficina destacando aspectos como: do que mais gostaram, como foi sua participação e quais suas expectativas para o próximo encontro.

Trabalhamos com uma delimitação espacial feita com giz no chão, a qual denominamos de “área de jogo”. Nosso acordo é: dentro da área de jogo participa-se ativamente dos jogos, mantendo a concentração para solucionar o

¹ Caderno sem pautas onde os oficineiros registram suas impressões sobre as oficinas; eles costumam fazer uma espécie de autoavaliação escrita, utilizando de artefatos artísticos, como ilustrações e poemas. Todo final de encontro, um aluno é responsável por levar o Diário, e no início da próxima oficina, compartilhar seu depoimento com os colegas, entregando-o a outro colega que fará o mesmo.

desafio proposto e com um corpo não cotidiano, o corpo cênico, previamente preparado; fora da área de jogo é possível que o jogador pare e apenas observe o que acontece na área, porém, sempre em estado de prontidão para entrar quando for necessário. Utilizamos também essa parte externa a área de jogo como um espaço para a plateia (quando há) e como uma espécie de “coxia”, para onde o jogador vai quando não está encontrando o foco no jogo, até reencontrá-lo e sentir-se apto para retornar à área.

Esse espaço físico, delimitado *a priori* Para o jogo, pode – e deve – variar ao longo das sessões (a área de jogo poderá ser qualquer local previamente estabelecido de comum acordo entre os jogadores , dentro da sala de aula, ou até mesmo fora dela). (JAPIASSU, 2012, p.73)

Durante o primeiro ano de atuação do projeto, trabalhamos o jogo teatral como destaque das oficinas, utilizando como apoio atividades globais de expressão, que, segundo Olga Reverbel (2011) “são jogos dramáticos, musicais ou plásticos que dão ao aluno um meio de exteriorizar, pelo movimento e pela voz, seus sentimentos mais profundos e suas observações pessoais”.

Embora desde o início, reforçássemos a ideia de que o objetivo do projeto não era formar atores ou montar peças, surgiu da parte dos alunos uma necessidade de experienciar o estar em cena diante de um público. Aos poucos, os jogos teatrais foram originando improvisos bastante elaborados e decidimos então, tentar construir um material cênico para ser apresentado.

O grupo fez uma visita à biblioteca da escola e desfrutamos de uma tarde nesse espaço aconegante, cercados por inúmeras obras literárias e almofadas coloridas vibrantes que nos convidaram a abrir um livro qualquer e acomodar-se sobre elas para saboreá-lo. Separados em três grupos, os oficinas foram orientados a buscar um livro de interesse geral do grupo e fazer uma leitura coletiva, debatendo sobre o que se tratava o livro escolhido e, logo após, transpor suas ideias para a escrita, com o objetivo de comunicá-las claramente ao grande grupo. Os três livros escolhidos foram: “Lá vem o homem do saco”, de Regina Rennó, “Os sete camundongos cegos”, de Ed Young e a poesia “Vai já pra dentro menino”, da autoria de Pedro Bandeira. A partir do debate acerca da reescritura dessas histórias pelos alunos, conseguimos juntos, construir uma única narrativa que englobasse as três obras e com ela, iniciamos os improvisos e a construção das cenas de forma colaborativa e dialógica, buscando atender às necessidades e dar espaço para a expansão das ideias de todos.

Tendo em vista uma data pré-estabelecida para apresentarmos, em virtude de estarmos pautados como uma das atrações da festa anual de encerramento das atividades escolares, estabelecemos uma rotina de ensaios, onde o primeiro momento da oficina mantinha-se com a preparação corporal e os jogos e o segundo momento seria então, direcionado ao trabalho de montagem e ensaio do texto criado, para que os alunos que não quisessem participar da peça não deixassem de sentir-se convidados a participar das oficinas.

Em 2018, após o recesso, retornamos às atividades com foco em vivenciar de forma mais profunda os elementos que compõem o teatro, para que se o desejo de ir a público voltasse, nós estivéssemos preparados e com um bom repertório. Elaboramos, juntamente com a orientadora do projeto, um cronograma com algumas metas a serem alcançadas, visando ampliar as possibilidades de criação do grupo; a meta é chegar ao final deste ano de modo que o grupo esteja apto a jogar dominando a linguagem do improviso, e para isso, retomamos os conceitos de Viola Spolin de ONDE? QUEM? e O QUÊ?, que são, segundo Ricardo Japiassu (2012) “noções que compõem os princípios fundamentais para a instalação da realidade cênica [...] da realidade do signo teatral ou da existência propriamente dita do fenômeno teatral criado com base no jogo.”

Iniciamos o trabalho com o ONDE, ocupando espaços públicos da cidade como a praça em frente a Igreja Matriz São José e o camping municipal, propondo a criação de cenas a partir da ressignificação desses espaços, construindo improvisações planejadas que, segundo Olga Reverbel, (2011) consiste em dois momentos: “primeiro, um ou mais alunos criam uma cena a partir de um tema, situação, personagem, etc.; segundo, eles próprios elaboram um roteiro da cena, a ensaiam e a apresentam aos espectadores.” .

O QUEM, trabalhamos durante o jogo tradicional “quem é o assassino?”, através do improviso dramático, onde cada um poderia escolher figurinos e adereços e apropriar-se de uma personagem criada para o jogo.

O O QUÊ trabalhamos juntamente com exercícios de criação dramatúrgica, construindo cenas curtas de improvisação planejada baseando-se em manchetes de jornais; ainda seguimos nos exercícios de dramaturgia, fazendo provocações para refletirmos sobre pinturas e finalizamos com o improviso espontâneo, que “Consiste na criação espontânea a partir de um fato, situação ou ação proposta.” conforme afirma Olga Reverbel (2011).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao retornar do recesso de fim de ano, o grupo contava com uma nova (e maior) configuração de integrantes que transpareciam euforia em suas falas sobre o espetáculo “Lá vem o homem do saco”, fosse por ter participado, ou apenas assistido, conforme o depoimento retirado do nosso diário, feito pela aluna Luana, que entrou em 2018, e afirmou sentir-se estimulada a conhecer o grupo pelas montagens que assistiu na escola. Os alunos que já estavam há mais tempo no projeto demonstraram melhor desenvoltura durante as atividades e tornaram-se capazes de manter o foco por mais tempo, deixando de lado brincadeiras inadequadas aos momentos propostos, além de autoavaliar-se de forma mais crítica e reflexiva, externando sua vontade de evoluir enquanto aprendizes, e convidar amigos a conhecerem o projeto e incentivá-los a seguir frequentando.

Os improvisos compartilhados aos finais dos encontros apresentam um enorme crescimento, sendo isso, fruto de todos os jogos teatrais feitos nas oficinas. Japiassu (2012) identifica o princípio dos jogos teatrais como “o mesmo da improvisação teatral, ou seja, a comunicação que emerge da espontaneidade das interações entre sujeitos engajados na solução cênica de um problema de atuação”. Além disso, a noção de grupo fica evidente nas relações interpessoais que eles cultivam. Boal (2012) diz que “Os jogos, em contrapartida, tratam da expressividade dos corpos como emissores e receptores de mensagem. Os jogos são um diálogo, exigem um interlocutor são extroversão.”

Após o trabalho com os figurinos foi lançada a proposta de construirmos nosso próprio acervo do Vivências Teatrais em Escolas e, em poucas semanas, conseguimos encher uma caixa com roupas, acessórios e objetos trazidos por eles para utilizarmos em cena. Com as oficinas externas, eles reafirmaram o desejo de realizar mais ações fora da escola, inclusive, propondo espaços.

Percebemos que os opinantes levam menos tempo do que antes para adaptar-se ao momento da aula e já demonstram maior consciência corporal, além de ajudar uns aos outros com observações e críticas construtivas e, em relação ao jogo, mantêm seus corpos dispostos e em prontidão durante um período maior.

É interessante relatar que eles estão construindo uma autonomia dentro do grupo, além de estarem recebendo reconhecimento pelo seu teatro dentro da

escola e da cidade, quando elaboraram uma cena retratando a diversidade existente dentro das famílias, para a Festa da Família na escola, durante o recesso do projeto.

Outro aspecto que pudemos observar, foi a diminuição gradual da inibição de alguns, outros que costumavam falar e participar pouco das práticas têm apresentado um comportamento mais expressivo diante do grupo e parecem sentir-se à vontade para mergulhar nos jogos. Através da leitura do nosso diário de bordo, podemos visualizar nitidamente uma evolução dos alunos, tanto individual, quanto coletiva; eles articulam sua avaliação de forma objetiva compartilhando suas opiniões e expectativas sobre o projeto, além de parecerem mais animados para desenvolverem verbalmente suas impressões diante do grupo.

4. CONCLUSÕES

O Vivências Teatrais em Escolas visa a constante evolução e tem como foco a vivência do processo em si, sem necessariamente, objetivar um produto final/espetáculo, aproveitando de cada encontro como uma experiência artístico-pedagógica única e indispensável à fruição da teatralidade.

O objetivo do ensino das artes, para a concepção pedagógica essencialista, não é a formação de artistas, mas o domínio, a fluência e a compreensão estética dessas complexas formas humanas de expressão que movimentam processos afetivos, cognitivos e psicomotores. (JAPIASSU, 2012, p.30)

É importante que o projeto mantenha sua identidade enquanto extensão, atendendo as necessidades dos alunos que sentirem-se estimulados a participar, bem como proporcionando um retorno à escola e à comunidade que a cerca. Buscamos manter essa relação com a cidade de Pedro Osório, trabalhando na formação de público e espectadores, mas principalmente, proporcionando aos oficinas oportunidades de experienciar livremente o teatro como ele é, sem espetacularizações ou ideias deturpadas sobre as artes cênicas, apenas a natureza do fazer teatral que é inerente ao ser humano, além de dar vazão à necessidade nata que cada um tem de jogar, conforme Spolin (2017) “Os jogos teatrais vão além do aprendizado teatral de habilidades e atitudes, sendo úteis em todos os aspectos da aprendizagem e da vida”, ou seja, agindo também na formação desses indivíduos enquanto seres autônomos com plena consciência das suas funções para com o coletivo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do Ensino de Teatro**. Campinas - SP: Papyrus, 2012.
- REVERBEL, Olga. **Jogos Teatrais na Escola**. São Paulo - SP: Scipione, 2011.
- BOAL, Augusto. **Jogos Para Atores e Não Atores**. Rio de Janeiro - RJ: Civilização Brasileira, 2012.
- SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na Sala de Aula**. São Paulo - SP: Perspectiva, 2017.
- RENNÓ, Regina. **Lá vem o homem do saco**. FDT, 2013.
- YOUNG, Ed. **Os sete camundongos cegos**. Martins Fontes, 2011.
- BANDEIRA, Pedro. **Vai já pra dentro menino**.